

LÉVY, JOSEPH J. **ENTRETIENS AVEC DAVID LE BRETON.**
MONTRÉAL-PARIS: TÉRAÈDRE, JAN. DE 2010. 187 P. (COLLECTION
[RÉ] ÉDITION)

Bárbara Duarte
PPGCSO/UFJF

Não se trata apenas de algumas entrevistas. Joseph Lévy em *Entretiens avec David Le Breton* vai além, consegue abordar a vida pessoal de um dos mais importantes especialistas em antropologia do corpo e de condutas extremas na contemporaneidade, e perpassar seus posicionamentos acadêmicos e pessoais. Organizando as entrevistas em três partes, inicia com *En quête de soi*. Nascido em 1953 em Mans, na França, Le Breton diz alimentar um gosto pela solidão. Na adolescência, bastante turbulenta, declara ter causado constantes problemas tanto aos seus pais quanto aos seus professores da escola pública clássica na qual estudou, sendo punido por estes por muitas vezes justa e injustamente. Confessa sua longa paixão pela leitura, razão de estar constantemente acompanhado dos livros e causa de seu prazer pela escrita, que resultou em obras como *Corps et sociétés*, *Anthropologie du corps et modernité*, *Passions du risque*, *Des visages*, *La chair a vif*, *La sociologie du risque*, *Anthropologie de la douleur*, *Du silence*, *Éloge de la marche*, *Conduites à risques*, *La peau et la trace*, *Le théâtre du monde*, só para citar.

Graduado em psicologia e sociologia pela Universidade de Tours, reconhecida naqueles anos pelos professores de renome como Duvignaud, Lapassade e Chapuis. Apesar de não ter sido seu professor, quem marcou consideravelmente sua trajetória foi George Balandier, com quem compartilhava um íntimo desejo: o de compreender o mundo e a

sociedade ocidental contemporânea. Com Balandier, pôde aprender a ampliar seu pensamento e a utilizar a antropologia como uma ferramenta para pensar o presente. Foi também o responsável por publicar seu primeiro artigo em 1982, no *Cahiers Internationaux de sociologie*, e depois, em 1990, *Anthropologie du corps et modernité*, na editora PUF, marcos de sua trajetória como pesquisador.

Le Breton afirma ser levado a escrever sobre assuntos que o incomodam como sujeito. Por isso, constantemente perseguido pelas questões que envolviam a morte, escreveu *Passions du risque* que lidava com o paradoxo que faz com que os indivíduos se abram ao fervor do mundo a partir do enfrentamento do risco e a consciência de sua finitude. Quando esteve diante do dilema que consistia em descobrir a linha tênue entre o corpo e a

morte durante o período que ocorriam debates na França sobre a extração de órgãos, escreveu *La chair a vif*, visando lançar luz sobre a arrogância de um certo discurso médico que recorrentemente cometiam violências simbólicas contra os indivíduos que já se encontravam em situações de grande desgaste emocional.

Apreciador de viagens, conta seu hábito de andar pelos locais que visita por horas simplesmente observando as pessoas, tentando entender o enigma da vida, o sentido da realidade. Nessas empreitadas individuais o autor escreveu *Éloge de la Marche*, um livro pessimista, declara ele na segunda parte, que aborda o estado do corpo e do homem nos dias de hoje, o desprezo do corpo como revelador do desprezo ao homem. Confessa passar horas nos cafés escrevendo grande parte de seus textos e ao mesmo tempo observando discretamente as pessoas,

suas conversas, a forma de se comportarem, um paradoxo para um adepto do silêncio como ele, reconhece. É a aspiração de escutar o mundo e as pulsações da vida errante do indivíduo e é esse sentimento que, de certa forma, almeja refletir em seus textos, escrevendo de modo a dar conta de forma mais sensível do mundo e o que nele há. Diante desses dilemas pessoais, o autor conta sua primeira experiência no Brasil, quando começava a escrever sua tese de doutorado. Com o sentimento de inadequação viajou com vontade de desaparecer, lançar-se em regiões desconhecidas. Por meses, percorreu o Brasil de carona em caminhões, de barco ou a pé. Confessa que de todos os lugares ficou especialmente encantado com o Rio de Janeiro. Depois, decidiu voltar para a França, dar sequência em sua tese iniciando seus trabalhos sobre condutas de risco e corpo. O Brasil deixou marcas.

Sua paixão o levou a aprender português, apreciar a música de Tom Jobim, Chico Buarque e ser a razão para suas frequentes visitas.

Na segunda parte da entrevista, *Histoires de corps*, retoma-se discussões já feitas por Le Breton em *Anthropologie du corps et modernité* e *Adeus ao Corpo*. Na Idade Média os homens viviam numa comunidade hierarquizada onde cada um fazia parte de uma grande coletividade, a Igreja. Mais precisamente no Humanismo, com a emergência das primeiras formas de individualismo, surge uma brecha que os anatomistas aproveitam para criar a noção de corpo da qual o Ocidente compartilha, o que é dizer um corpo não anexado à pessoa e ao cosmos. E a Reforma Protestante teve um papel fundamental na expressão da individualização desses corpos, tendo em vista que os reformados se consideravam

responsáveis por si diante de Deus. O corpo, com o advento da Modernidade, tornou-se fator de individuação e assumiu o valor anedótico de encarnação provisória da pessoa, persiste. Respondendo sobre a invenção da psicanálise, David Le Breton afirma constituir uma ruptura epistemológica magistral: o corpo não existe, sim uma abstração, uma construção cujos significados são determinados por um contexto social, cultural e histórico particular, lugar da presença do homem no mundo. Num posicionamento relativista, acredita que nenhuma sociedade detém a chave para compreensão do corpo. Não só isso, fazer uma sociologia do corpo é fazer a sociologia de uma questão, mais do que de uma certeza, pelo fato de uma variedade de corpos de apresentarem à nós, o que significa uma abertura ao mundo, que variará de acordo com os

novos significados que forem atrelados à ele.

Perpassando alguns autores que servem como orientação para Le Breton, Joseph Lévy chega ao *Du silence*, e brinca ao perguntar não ser um paradoxo um livro tão grande cujas páginas estão dedicadas ao silêncio. Mais um, com certeza, para este pesquisador cujas demandas como professor e conferencista o levam a sempre estar em lugares com ausência de silêncio, porém, desabafa “se trabalho sobre o corpo, é porque era um adolescente que me sentia mal em minha própria pele; sobre o risco, porque tive problemas ao iniciar a vida. Se escrevi sobre o silêncio, é porque o silêncio que habitava em mim quando criança ainda habita em minha fase adulta” (p.113). Le Breton evoca nesse livro uma sociedade que aboliu a palavra silêncio de seu horizonte, e cria uma ofensiva sonora que

atinge todos os domínios da existência. A negação do silêncio é uma forma que os indivíduos contemporâneos encontraram para não serem levados a olharem o próprio interior e encararem uma realidade insurportável.

Por fim, Lévy chega ao *Les corps extrême*. Propondo reflexões sobre as condutas de risco, Le Breton afirma estar por muito tempo diante da pergunta de saber se a vida vale a pena ou não, o que já o levou pessoalmente a uma busca dolorosa e desesperada de sentido. Para falar de risco, necessitou trabalhar os limites; e a maneira encontrada para compreender as condutas de risco da modernidade, foi relacionando o gosto que nossa sociedade mantém pela prática de esportes extremos. Todavia, os riscos que confessa que o interessam mais são os tecnológicos, tanto é que em *Anthropologie du corps et modernité*,

discute a desimbolização do mundo, o deslocamento dos valores e a crise social de sentido que permeia intensamente a vida dos indivíduos na modernidade. Sobre os riscos, é fascinado pela atração que este possui, como são usados para os indivíduos se contruírem no mundo através da adesão às práticas extremas, que não se limitam aos esportes radicais. Ressalta que os jovens são mais suscetíveis à essas práticas de risco por causa da falta de sentido em suas vidas, falta de integração. De outro lado, os esportes de risco estão relacionados com indivíduos que quase sempre se encontram muito certos de sua segurança no mundo e com o sentimento da falta de tempero da vida. Afrontando a natureza, almeja-se intensificar sua existência. E nenhuma classe social ou gênero estão imunes das condutas de risco, mas estas assumem formatações distintas uma vez que as lógicas de socialização são

diferentes. Quando há uma desorientação do sujeito durante sua vida, ele posiciona seu corpo em oposição ao mundo visando encontrar a âncora de sua existência, e ao explorar seus limites, depara com novas possibilidades de se posicionar diante do mundo.

Ao ser questionado sobre *Adeus ao corpo* Le Breton relembra que não há só uma tendência dos indivíduos contemporâneos se reportarem ao mundo. Nossa sociedade considera o corpo como o lugar para uma tensão indentitária radical, ao mesmo tempo, como matéria primeira, um acessório da presença, uma forma dos indivíduos se reconfigurarem de maneira mais adequada. Essa batalha na arena do corpo situa-se num contexto de mercantilização dos homens e das coisas, e o corpo é um analista fundamental para este mundo contemporâneo, mundo cujo vínculo

social tem se tornado cada vez mais fraco, demandando iniciativas mesmo inéditas.

David Le Breton conclui fazendo um apelo aos cientistas sociais, sobre quem pesa o compromisso de analisar e compreender estes fenômenos, os novos movimentos que tem tomado forma ao nível individual e coletivo. É necessário interrogar a validade, as condições de funcionamento dessas novas possibilidades, muitas das quais inéditas, o ramo da biomedicina e da tecnociência. A responsabilidade consiste em tentar compreender essas lógicas, colocando o conhecimento adquirido a favor de se criar o gosto pela vida, mostrando outros valores ao mundo desencantado. Convidando os sociólogos e antropólogos a encontrarem o ângulo de aproximação, de crítica e de debate, deve-se apontar para o prazer em se viver e não sustentar o culto da performance. É imperioso

assinalar um caminho possível para que os valores se revertam, para se sair da crise de valores na qual a sociedade se encontra, para tal deve-se “reinventar o mundo” (p.180)